



# Sons e Silêncios (49)

## Breve panorama da musicoterapia em Portugal

M. HELENA VIEIRA

Antes do Natal abordei a temática da musicoterapia (*A música também cura* – a 12 de Dezembro), referindo as suas origens argentinas e o seu papel no contexto das sociedades contemporâneas. Gostaria de apresentar, sucintamente, a situação da musicoterapia no nosso país.

Hoje, mais do que nunca, encontramos um bom número de pessoas interessadas na musicoterapia e nas terapias associadas a outras artes (dançoterapia, dramaterapia, etc.). Numa visita recente à Universidade do Minho de três elementos do Painel de Ciências da Educação da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no contexto da Avaliação de Unidades de Investigação das Universidades Portuguesas, ficou clara a ideia de que as artes têm sido esquecidas na investigação e no ensino, sobretudo no nosso país, mas também no estrangeiro. Este facto justifica, por um lado, o actual interesse nas propriedades terapêuticas, ou correctivas, das artes; por outro, a necessidade do desenvolvimento da investigação sobre as artes e o seu ensino e da sua efectiva implementação no sistema educativo – isto é, a ne-

cessidade de uma aposta também nas propriedades formativas e preventivas das artes no contexto escolar e da saúde pública portuguesa.

A indefinição das fronteiras que poderão hoje separar os objectivos das instituições de ensino e do Ministério da Educação, dos objectivos dos hospitais e do Ministério da Saúde, no que diz respeito ao papel de diversas terapias, poderá estar ligada ao facto do Ensino Superior português ser tutelado por um ministério claramente enraizado no paradigma científico: o Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES).

Assim, é a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) do referido ministério que avalia e orienta a investigação e o investimento feito pelas universidades nas diversas áreas do saber. Poder-se-ia perguntar por que razão não existe um “Ministério da Cultura e do Ensino Superior” ou um “Ministério das Artes e do Ensino Superior”, ou simplesmente um “Ministério da Educação” (mas abarcando todos os níveis de ensino e todas as áreas da cultura)?... Que tipo de investigação académica e que tipo de ensino se desenvolveria sob a alçada de fundações e painéis de especialistas especificamente vocacionados para a cultura humanística, filosófica, literária e artística?... Qual o

perigo de incidir sobre um paradigma, excluindo outros, num dado momento da história do sistema de ensino?... De qualquer forma é um sinal positivo, independentemente do paradigma vigente, que haja um interesse claro pela investigação sobre as artes no contexto do ensino superior.

No que diz respeito ao posicionamento e âmbito de acção da musicoterapia no tecido social e político do nosso país, a indefinição é devida também à introdução recente da disciplina aquém-fronteiras. Noutros países, como os EUA e a Inglaterra, existem há bastante tempo licenciaturas nas universidades (com a colaboração de especialistas das artes, da psicologia e da psiquiatria) que preparam profissionais para trabalhar em hospitais ou, apenas pontualmente, em apoio às escolas (como aqui já acontece com o apoio psicológico). É sublinhado o pendente “terapêutico” da disciplina (havendo musicoterapeutas em muitos hospitais), já que o papel formativo e educativo da música é assegurado aos cidadãos, de forma contínua e consistente, nas escolas através das disciplinas de educação musical, instrumento, coro e/ou banda.

O interesse pela musicoterapia surgiu em Portugal apenas nos anos 60, quando diversos profissionais de

áreas afins começaram a aplicar empiricamente os princípios do uso terapêutico da música aos seus doentes e aos seus alunos.

Depois de alguns seminários e *workshops* ao longo de três décadas (organizados sobretudo pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Associação Portuguesa de Educação Musical), surgiu um primeiro programa de formação na Madeira nos anos 90, o qual viria a ser cancelado em 1999, tendo sido passados 16 diplomas não académicos. Alguns psicólogos e psiquiatras passaram a implementar uma ou outra actividade relacionada com a musicoterapia, mas o maior interesse pela disciplina desenvolveu-se entre a classe dos professores, (o que justifica a tendência de incorporação das práticas terapêuticas no contexto educativo no nosso país, bastante pobre à partida nas práticas artísticas *tout court*). Um dos mentores do movimento “Educação pela Arte”, Arquimede Santos, foi um dos primeiros a sublinhar a importância terapêutica das artes no contexto psico-educacional, e a contribuir para o desenvolvimento de uma musicoterapia de enfoque escolar no nosso país.

Desde Outubro de 2001 existe na Universidade Técnica de Lisboa um novo curso de Terapias Expressivas

(DR n.º 10/2000; II Série, n.º 101 de 2 de Maio de 2000). Trata-se de uma pós-graduação de dois anos e meio (dez horas por semana) que conduzirá a um novo diploma não académico. No primeiro ano há um grupo de disciplinas comuns nas áreas da psicologia, desenvolvimento humano, psicopatologia e terapias artísticas; nos três últimos semestres há uma especialização em musicoterapia ou dançoterapia. ([www.fmh.utl.pt/ensino/postgrad/terapiasexpressivas.html](http://www.fmh.utl.pt/ensino/postgrad/terapiasexpressivas.html)). Este curso tem despertado recentemente algum interesse nos profissionais da área de Necessidades Educativas Especiais, já que constitui um complemento relevante à sua formação académica e à sua acção profissional.

A única organização portuguesa que congrega profissionais da musicoterapia (ou que utilizam princípios da terapia musical) é a Associação Portuguesa de Musicoterapia (APMT), presidida por Fernanda Magno Prim desde a sua fundação, em 1996 e, actualmente, por Teresa Leite.

Para além da organização de seminários, *workshops* e cursos de curta duração em todo o país, a APMT está a desenvolver a primeira biblioteca especializada (temporariamente instalada na Universidade Técnica de Lisboa) e pretende estabelecer um

conjunto inicial de regras e padrões para a prática da musicoterapia e para o reconhecimento dos musicoterapeutas em Portugal, o que permitirá uma equiparação e legitimação pública dos nossos profissionais no contexto internacional. (Para informação mais detalhada consulte a página online [www.voices.no/country/monthportugal-sept2002.html](http://www.voices.no/country/monthportugal-sept2002.html) de onde foi retirada alguma da informação contida nos três últimos parágrafos).

Em síntese, a musicoterapia é uma área de estudo e de trabalho que tem umas escassas quatro décadas de desenvolvimento em Portugal e que procura ainda a sua institucionalização nos terrenos académico e profissional. A necessidade da sua maior ou menor implementação no contexto educativo, para além dos casos pontuais de crianças com necessidades educativas especiais, dependerá da maior ou menor implementação da música e das artes no ensino básico. A música, as artes e o seu ensino são, só por si, terapêuticos.

Esperemos que antes das terapias nas escolas, se aposte na prevenção, isto é, nas artes em si mesmas, na sua existência na formação dos cidadãos desde o jardim de infância.

## Sugestões de Concertos

**\*Sexta-feira, 7 de Fevereiro** — BRAGA, Espaço Alternativo PT, 21h45. Concerto de Jazz. Carlos Barreto, contrabaixo. “Solo Pictórico” Pintura e solos de contrabaixo de Carlos Barreto.

**Sexta-feira, 7 de Fevereiro** — Fafe, Estúdio Fénix, 21h30. Trio com piano da Universidade de Stellenbosch. Beethoven, Dvorak e Piazzola. Émile Roubaix, violino; Christoff Fourie, violoncelo; José Dias, piano.

**Sábado, 8 de Fevereiro** — Porto, Casa das Artes, 21h30. Concerto de Orquestra de Guitarras. 24.º Aniversário da Academia de Música de Vilara do Paraíso.

**Quinta-feira, 13 de Fevereiro** — Porto, Salão Árabe do Palácio da Bolsa, 21h30. Festival de Música do Palácio da Bolsa. *Fado e Outros Músicas*. Maria do Céu, canto; Artur Caldeira, guitarra; Firmino Neiva, viola baixo; Paulo Peixoto, percussão; Arnaldo Fonseca, acordeão.

**\*Sexta-feira, 14 de Fevereiro** — BRAGA, Salão Nobre do Instituto de Estudos da Criança, 18h30. Luís Pipa, piano. Recital e conferência “Vianna da Motta e seus Contemporâneos”.

**Sexta-feira, 14 de Fevereiro** — Porto, Casa das Artes, 21h30. Recital de Canto e Piano. Estúdio de Ópera da Casa da Música. Árias de ópera de Richard Strauss, Massenet e Mozart.

**\*Sexta-feira, 14 e sábado, 15 de Fevereiro** —

BRAGA, Classic Jazz Bar, 22h00h. Trio Filipe Melo

**Sexta-feira, 14 e sábado, 15 de Fevereiro, Porto, Mosteiro de S. Bento da Vitória, 21h30.** Orquestra Nacional do Porto, dir. Marc Tardue. R. Wagner: Abertura de *O Holandês Voador*; Prelúdios, Acto I e Acto III de *Lohengrin*; “Siegfried Rhein Fahrt” de *Gotterdammerung*; Bruckner: Sinfonia n.º 4 em Mib Maior

**Sábado, 15 de Fevereiro** — Porto, Casa das Artes,

21h30. Remix Ensemble Casa da Música, dir. Rolf Gupta. Programa Eixo Norte-Sul: I – João Pedro Oliveira, *Le Chant de l’Oiseau-Lyre* (estreia absoluta); Asbjorn Schaatum, *Our Whisper woke no Cloks*; Bent Lorensen, *Funeral*; II – Jorge Peixinho, *Ouçam a soma dos sons que soam...*; Hans Abrahamsen, *Marchenbilder*.

**Domingo, 16 de Fevereiro** — Porto, Café Concerto da ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo), 21h30.

Recital de violoncelo. Bruno Cardoso. Bach, Brahms, Tschai-kovsky e Dvorak.

**Quarta-feira, 19 de Fevereiro** — V. N. de Famalicão, Casa das Artes, 21h30. Canções da Broadway. Carlos Mendes e António Vitorino d’Almeida. Canções da Broadway, bandas sonoras de filmes e *Lieder* de Vienna. 12.5 eur; 10 eur. estudantes e mais de 65 anos.